

TRIBUNA Livre

29
JULHO
1972

A Biblioteca Pública de

ITICA E ACTUALIDADES

SEMANAL

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR:

Braga

Jarclso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE:

IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

Goães em festa

O chefe do Distrito presidiu ao encerramento do Curso de Formação Familiar Rural

A vetusta e sempre jovem freguesia de Goães vestiu, no passado domingo, as suas roupagens de gala e encheu os seus corações de júbilo para receber o sr. dr. Francisco Dourado, Governador Civil do Distrito, que ali foi presidir aos actos de encerramento de um Curso de Formação Familiar Rural levado a cabo pela Casa do Povo de Vale-do-Cávado.

Eram 16 horas, o sol a pino iluminava a verdura da encosta multicolor pela variada vegetação que a povoava, quando do céu surgiram o estrondo dos foguetes anunciando a chegada da caravana visitante. Ao mesmo tempo o eter encheu-se do clamor das vivas e do amoroso barulho das palmas.

O Chefe do Distrito, o sr. dr. Teotónio de Andrade e Castro, presidente da Federação das Caixas, o sr. dr. Carlos Dias Rebelo, subdelegado do I. N. T. P. e demais recém-chegados receberam os cumprimentos dos srs.: dr. Paulo Macedo, presidente da Câmara, Rev. dr. Eduardo Melo, representante do Senhor Arcebispo Primaz, Padre Albino Alves, vice-presidente da A. N. P., provedor da Santa Casa, vereadores, dr. José Fernandes médico, Abel Prieto, da Acção Social, presidente da Associação dos Bombeiros Voluntários e as autoridades da freguesia tendo à frente o sr. Manuel Rodrigues Saraiva, presidente da Casa do Povo, Padre Manuel J. Monteiro Fernandes, pároco local, Dionísio de Azevedo e Sousa, presidente da Junta de Freguesia, Augusto dos Santos Mota, Agostinho Correia Peixoto, Fernandes Maia etc.

Finda a recepção o cortejo dirigiu-se ao salão anexo à Igreja, sobre chuva de flores que gentis moçoilas em rigoroso traje regional lan-

çavam, enquanto em seus peitos baloiçavam os mais ricos adornos em ouro que são complemento do traje e timbre desta freguesia.

Também uma artística pasadeira aguardava os visitantes, ornada de desenhos a cores.

No salão encontravam-se em exposição parte dos trabalhos feitos durante o curso que durou de 15 de Fevereiro até 23 de Julho, com 60 inscrições.

Alguns quadros davam nota dos ensinamentos ministrados nas aulas teóricas, enquanto numerosos trabalhos mostravam da aplicação das alunas e da preocupação em ensinar-lhes a fazer o que mais necessário e útil é à vida doméstica.

Finda a visita o cortejo dirigiu-se ao salão paroquial

super-lotado de uma população cuja gratidão transbordava desde o pormenor mais simples até às ovações mais calorosas. Sempre atento e atencioso o Chefe do Distrito tudo ia fazendo por compreender à sincera expressão deste bom povo português.

Na sessão solene usou em primeiro lugar da palavra o presidente da Casa do Povo sr. Manuel Rodrigues Saraiva que historiou, com um vigor que desdizia a sua propecta idade, quanto se fez no curso, quanta gratidão todos sentiam e quantos benefícios se colheram. Foi, por entre palmas de muito apreço às suas palavras e de carinho à sua pessoa, que pediu ao Sr. Governador para interceder pela construção do novo edifício da Ca-

(Continua na 4.ª página)

DE VISITA E GOZO DE FÉRIAS

Felisberto A. Barbosa de Macedo

Acompanhado da Ex.ma Esposa, Snra. dona Carolina Antunes de Macedo e filho Jonas, encontra-se entre nós o sr. Felisberto António Barbosa de Macedo, há muito radicado na Califórnia, dilecto filho da Feira-Nova e nosso velho e querido amigo.

Junto de familiares e amigos, vem sendo já costume o sr. Felisberto Macedo passar, todos os anos, nesta terra que o viu nascer alguns dias de repouso no seu Solar da Lage.

Recordamo-nos, como se tudo acontecera hoje, de o ver partir para essas longínquas paragens e ficamos com a certeza, porque conhecíamos bem as suas invulgares

qualidades de trabalho e persistência, de que venceria. E venceu.

Feiranovense lídimo, vive intensamente os problemas da terra natal e vibra de alegria com o real e merecido progresso que nela vai verificando de ano para ano.

O Felisberto Macedo, de seu nome arcádico «O Pedro» (fui eu quem o baptizou), foi meu companheiro de escola. Não sei porquê, mas a escola primária — talvez porque continuação da escola paterna — prende-nos pelo espírito impercível duma camaradagem admirável. Quando olho para meu filho Pedro (este é mesmo Pedro de baptismo) e o vejo

(Continua na 2.ª página)

O FOMENTO NACIONAL VISTO DOS BASTIDORES POR UM MINISTRO NORTENHO

Não fazíamos ideia que fosse possível apresentar este artigo, logo a seguir ao da semana anterior, cuja matéria, em parte, se relaciona com o que foi brilhantemente exposto por S. Ex.ª, o ministro Mota Campos, em Coimbra, à Comissão de Planeamento do Centro do País.

Quando menos se espera, surge um discípulo do «Velho do Restelo». Ainda bem, que um jornalista de pouca fé, tivesse despertado a atenção de S. Ex.ª para tão incisivamente lhe responder com factos, na primeira oportunidade bem pertinente nesta sua dissertação, por ter permitido que todo o País soubesse o que entre bastidores políticos se passa, a ingente máquina administrativa que é preciso mover com energia bastante para não parar, antes se dinamize, em marcha cadenciada, à velocidade de 7,5% ao ano e atingir, assim, a meta ideal, dentro de 1/4 de século, lapso de tempo que actualizará um atraso de séculos, desde a era da «Revolução Industrial» ao arranque da «Idade Planetária», já em curso.

Não se deve menosprezar o grande esforço que, na realidade, vai tornando possível, a um tempo, travar batalha pelas armas, pelo planeamento económico, pela consolidação da sociedade multirracial, pela defesa da civilização ocidental, em luta acesa contra os contestatários e demolidores que se aposentam de mãos vazias, de alma suja e bem la-

vados de cérebro.

Está realmente em curso a batalha da sobrevivência que o Governo não somente aguenta, mas estende, progressivamente, a todos os recantos de comunidade nacional, em novos moldes e crescentes possibilidades económicas e políticas, com meios mais seguros de fraternidade racial e ética social, processo eficaz de verdadeira promoção e consciente autodeterminação.

Não pretende Portugal, como outras nações, deixar os povos africanos entregues à anarquia, com impertinentes nacionalizações, com independências que têm rondado em frenéticos batiques administrativos e sangrentas lutas tribais, caíndo em novos sistemas de neo-colonialismo desnacionalizante.

Como nação altamente experiente na ciência de bem

(Continua na 4.ª página)

5.ª COLUNA

Isto não é uma anedota. A autenticidade da História que me presto a contar aqui foi-me confirmada por um sensato Lavrador, com quem conversei muitas vezes. É que este homem, sóbrio, competente e sem problemas financeiros, embora com os inerentes à Agricultura de hoje, como aliás de ontem, sempre prodigalizadora das variadas e proclamadas normativas de uma capacidade criadora sem interesse, das seis horas da manhã até ao almoço trabalha no campo como qualquer dos seus subordinados, ainda de sacho-la em punho. Depois, toma o seu banho, almoça e vem até à cidade tomar o café, tratar dos seus negócios e conversar com os amigos.

Deste jeito surgiu a narração do acontecimento. Colega dele, lavrador distinto, nascido lavrador, mas instruído no liceu, esteve há tempos com o Ministro da

(Continua na 4.ª página)

Acção N. Popular

Posse das Comissões Paroquiais

Pelo adiantado da hora não nos é possível fazer inserir neste número o que foi a posse das Comissões Paroquiais da A.N.P. o que faremos pormenorizadamente no próximo número.

DE VISITA E GOZO DE FÉRIAS

Felisberto A. Barbosa de Macedo

Continuado da 1.ª página»

«saltar e pinchar» — ele que só tem pele e osso — na brincadeira com os companheiros da escola, revejo-me no espelho da minha meninice já distante e, deixando cair a cabeça como quem vem cansado já de tanto caminhar, fecho os olhos e tenho a impressão de ver num écran de sonho o Felisberto a correr para a escola com uma «saca» enorme a tiracolo, batendo-lhe com os calcanhares, que sua saudosa mãe lhe fizera — sabia-o ela com que Amor! Amor que só as mães sabem sentir. O Armandino lá estava à espreita, inconfundível no seu comprido nariz de pica-pau; o Veloso, tímido — era órfão — que nunca mais encontrei; o Joaquim Monteiro (o Emílio, sem ser o célebre Emílio de Rousseau) que todos conhecem e a quem, por graça, a professora chamava o «meio metro» — hoje homem normal como qualquer. Era «esperto» este moço. A Júlia Meneses, a Vira Leite,

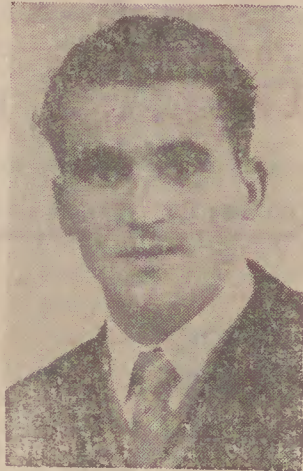
Palmira Macedo... etc. Não reparem. Nesse tempo, a escola era mista. Que saudades de vida despreocupada que então vivíamos!... Que sonhos doirados pululavam nas nossas cabecitas sem experiência!... Oh triste desilusão que a vida nos mostrou, depois, em alguns desses sonhos fagueiros!... Oh verdes e esperançosos anos que, apesar disso, fostes a meta da nossa arrancada para a vida futura que ainda prossegue, já para além do meio!... Oh camaradagem leal, amiga e imortal porque, baseada no espírito, há-de transpor e superar a própria morte!... Vinde todos, e confraternizai connosco! Mas será que hoje também é assim? A julgar pelo meu filho Pedro, voto na afirmativa.

Benvindo sejam, Felisberto, ao nosso berço! Mata bem essas saudades e sê feliz.

O teu velho amigo

Narciso Jose Gonçalves

Aniversário



Na próxima Quinta-feira festeja o seu aniversário o nosso estimado assinante, sr. Armando Joaquim Dias, funcionário da Farmácia Marques Rego e proprietário no lugar da Bornaria.

Ao Armando da Farmácia, chefe de família exemplar, trabalhador honesto e sério, homem íntegro e amigo da terra, auguramos as maiores venturas e votos da maior felicidade junta de toda a família que ele adora sem limites.

«A RIVAL» — CASA DE PASTO
DE
ERNESTO VIEIRA

Telefone 62247

Especialidade em:

Frango assado — Papas de sarrabulho e Cabrito assado
(Rancho às segundas-feiras)

Todos os dias refeições económicas

Esmerado serviço em:

Casamentos e Baptizados, servidos c/ os melhores vinhos da Região.

Para bem servir, só «A RIVAL»

Rua Marques Rego

F. Nova — Amares

PENSÃO ECONÓMICA

BRAGA

Pensão Confortável

Magnífica Situação

Óptimos quartos com água corrente quente e fria. Máximo conforto com os colchões «MOLAFLEX» Serviços especiais para ASAMENTOS - BAPTIZADOS e serviços congêneres.

(SALA própria para Festas Elegantes)

Largo de S. João do Souto - 131 Telef. 23160 BRAGA

Telefone dos Serviços dos
Bombeiros V. Amares 62162

CALAFRIO

Continuado do número anterior)

no momento em que mudou de posição. Levantou-se, não como se me tivesse ouvido, mas numa indiferente e extraordinária melancolia, e, a meia dúzia de passos de mim, parou, permitindo-me que eu visse então tratar-se da minha miserável antecessora. Ali a tinha perante mim, ignominiosa e trágica; mas, quando a fixei, para guardá-la bem de memória, desvaneceu-se. Negra como a noite, com um traje preto, pálidamente bela com um pungente ar de dor, fitára-me tempo suficiente para proclamar que o seu direito a sentar-se à minha mesa era igual àquele que me permitia sentar-me à mesa dela. Enquanto isto durou, eu tive, na verdade, como um calafrio, a extraordinária sensação de ser eu a intrusa. Foi mesmo como que num agreste protesto contra isto que eu, dirigindo-me a ela — «Terrível e miserável mulher» —, me vi a mim própria romper num clamor que ecoou, através da porta aberta, ao longo do corredor e da casa àquela hora vazia. Ela olhou para mim, como se me tivesse ouvido, mas eu recuperara a serenidade. Passados alguns momentos, nada mais havia na sala além da luz do sol e da minha convicção de ser meu dever ficar.

CAPITULO XVI

De tal modo me convencera de que o regresso dos meus pupilos havia de ser marcado por qualquer demonstração exterior que me sentia de novo sobressaltada ao notar-lhes a mudez a respeito da minha ausência. Em vez de me acolherem com alegria e afagos, não fizeram qualquer referência ao facto de eu os haver abandonado, e eu vi-me obrigada, nessa altura, como Mrs. Grose nada dissera também, a estudar-lhe a expressão estranha. De tal maneira o fiz, que me convenci de que eles a haviam subornado para que ela não falasse: contudo, decidi-me a quebrar este silêncio assim que, na primeira ocasião nos encontrássemos sós. Esse momento proporcionou-se antes do chá: demorei-me cinco minutos com ela na copa, onde, à luz do crepúsculo, com o cheiro a pão fresco e tudo limpo e arranjado, eu a fui encontrar, sentada diante do fogo, numa inquieta mudez. Assim a vejo ainda; assim a vejo melhor: sentada na sua cadeira, direita, defronte

das chamas, na triste e resplandecente sala, como uma grande e límpida imagem da ordem — as gavetas fechadas à chave e um repouso sem remédio.

«Oh, sim, eles pediram-me que a nada aludisse; e para lhes ser agradável — diante deles — prometi, é claro. Mas que aconteceu Miss?»

— «Fui convosco apenas pelo passeio.» disse eu. «Voltei para casa a fim de me encontrar com uma pessoa conhecida.»

Pareceu surpreendida.

«Um amigo — um amigo seu?»

— «Sim, tenho um casal de amigos!» ri. «Mas os pequenos deram alguma justificação quando lhe fizeram um tal pedido?»

— «Para eu me não referir ao facto de a Miss nos ter deixado? Deram, sim; disseram-me que a Miss gostaria muito mais que eu nada lhe dissesse sobre isso. É verdade?»

A minha expressão torná-ra digna de dó.

«Não!» Mas um momento depois acrescentei: «Disseram-lhe por que teria eu achado isso melhor?»

— «Não; o menino Miles disse apenas: Nós só devemos fazer aquilo que ela gosta!»

— «Bem gostaria que assim fôsse! E que disse Flora?»

— «Miss Flora era um amor. Disse: Oh, com certeza, com certeza! — e eu disse o mesmo.»

Pensei um momento.

«E a senhora a fazer-se um amor também — estou a ouvi-los a todos. Mas entre Miles e eu está por fim tudo esclarecido.»

— «Tudo?» A minha companheira estremeceu. «Tudo quê, Miss?»

— «Tudo. Não importa. Tomei uma resolução. Voltei para casa, minha querida amiga,» prossegui, «para conversar com Miss Jessel.»

Nesta altura já estava acostumada a ter Mrs. Grose nas mãos antes de proferir palavras destas; por isso, mesmo agora, como ela pestenejava ouvindo as minhas palavras, pude mantê-la relativamente firme.

«Para conversar! Então queres dizer que ela falou?»

— «Foi como se tivesse falado. Quando regresssei a casa, encontrei-a na sala de estudo.»

— «E que disse ela?» Ainda hoje a ouço e vejo a candura da sua estúpida facção.

«Que padece tormentos...!»

Foi isto, com certeza, que a fez ficar de boca aberta quando
(Continua no próximo numero)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

A Foto Kim e a Tribuna Livre foram a Barreiros ver a quinta do sr. Paulo Macedo. Viram a quinta, 70 vacas turinas, 4.000 macieiras plantadas em oito hectares de terra que deixou de ver a espiga do milho que já foi rei dos lavradores. Tudo ficou retratado para seguir um destino jornalístico mais amplo e mais condizente com o valor do homem e da sua obra. Terminado o percurso cansativo pela distância e observação fomos surpreendidos pelo grande amigo de todas as terras onde pode chegar o seu génio e a sua carteira. Esse encontro não foi combinado mas valeu a pena ver o Paulo a olhar para a máquina do Quim e para a caréca do Elísio. Ai é que a coisa encheu a vista. Uma piscina de 500 pipas abastecida do rio Cávado. Uma «choupana» térrea, boa para passar as luas de mel a noivos que tivessem gosto artístico. Ao lado uma cozinha—moinho de vento—cilíndrica como as que temos por aí à beira-mar e debaixo uma carvalha centenária com canos rasteiros de 25 metros de comprimento, uma mesa de granito amarelado para pic-nics; no tempo quente que corre e para jogar a suéca se o vício dominar os visitantes ou residentes semanais.

Lá está essa obra de engenheiro e arte a mostrar a quem lá queira ir que o dinheiro no bolso de quem o tem não é útil nem o dono faz boa figura na sociedade. Parabéns a quem nasceu pequeno para morrer grande na sociedade e perante Deus quando lhe forem pedidas as contas dos seus actos na Terra para onde veio misturar-se a tanta mixórdia.

Casamento

No domingo passado casaram-se na Igreja da freguesia de Carrzedo os jovens Delfim de Barros Pinheiro e a prendada menina Izaura da Silva Macedo. Setenta convivas transportados em 30 automóveis chegaram para garantir a dignidade dos noivos e honrarem as suas famílias. Trata-se porisso da fundação de mais um lar esperançoso. As qualidades de trabalho dessas duas almas que se ajoelharam no altar e que Deus abençoou e testemunhou, são uma garantia das suas felicidades bem vindas nos progenitores. O padre Fernando presidiu à cerimónia e não deixou de lembrar os seus deveres religiosos para que tudo seja completo para o presente e para o futuro da prole, se

vier, como desejarão, para na velhice terem carinhos e deixarem continuadores.

Um primoroso e farto almoço foi servido na Casa da Faia, cedida para efeito, tendo mais uma vez o padre Fernando revelado o seu talento com palavras que a todos cativaram.

Acidente em Lago

Domingo, um automóvel guiado por Albano José Domingues, de Parada de Bouro que levava consigo mais gente que ainda não pode identificar, atropelou o ciclista Evaristo Gonçalves Moreira, viúvo, artista, de 59 anos, natural de Palmeira mas residente nesta freguesia.

O atropelamento foi violento, o carro caiu numa bouça à margem da Estrada Nacional ao Km. 45 mesmo junto da escola primária. As consequências foram desastrosas para todos e de um modo muito especial para o ciclista que foi conduzido na nossa ambulância dos Bombeiros para o Hospital de S. Marcos constatando-se multiplos ferimentos de muita gravidade. A G. N. R. tomou conta da ocorrência.

GOÃES

Veio aqui o Sr. Governador Civil encerrar o Curso auxiliar feminino promovido pela Casa do Povo. O ilustre visitante colheu as melhores impressões dos trabalhos apresentados e seguiu para visitar o «Milho Rei» e a quinta modelar do sr. Paulo Macedo em Barreiros para admirar a piscina e uma casa-retiro cheia de conforto.

Banho Fatal

Uma tragédia enlutou uma família e provocou na freguesia de Goães um grande desgosto.

Eusébia de Jesus Carvalho de Oliveira, de 15 anos, filha de Manuel António de Oliveira e de Luzia da Graça Sousa Oliveira, foi para as margens do rio com 5 irmãos. Só ela não resistiu à tentação refrigerante e foi tomar banho, onde morreu afogada por não saber nadar como não sabiam os irmãos que o deixaram andar ao sabor das águas traiçoeiras do rio.

O funeral foi a explosão de uma tristeza que atingiu todos os que conheciam a infeliz vítima da imprevidência. A G. N. R. registou o facto.

E. Gonçalves

Por Caires

A verdade... Senhor Assistente

Quero, sem rodeios, sem grandiosidade e sem qualquer outro motivo que não seja a justa informação dos amigos leitores, desmascarar quem se enroupou com pele de alvo cordeiro.

É minha intenção informá-los da realidade.

O colorido do meu estilo, que não chega a ser estilo, é a sinceridade com que relato esta triste realidade.

Há pouco, alguém, com boas intenções, engrandecia e louvava o mérito de alguns jovens actores (amadores fracos) pela realização dum certo espectáculo e pela forma como actuaram.

Passados dias, ontrem ataca o autor do primeiro artigo ofendendo-o na sua dignidade reputação e bom nome, e, ao criticá-lo, ofende do mesmo modo todos os seus colaboradores.

O correspondente, sem visões nem alucinações, vislumbrou com agrado o espectáculo, embora este não saísse como se desejava e nem tudo tivesse decorrido no salão como se esperava.

Como era seu dever e desejo elogiou da maneira a seu gosto a habilidade eo trabalho desses jovens, na esperança de futuras realizações para bem deste honrado povo.

O tal assistente, que nem 50 centavos de esmola deu, empurrou o braço do homem da porta destinado a colher os donativos e a sustentar a força dos mais apressados.

Será isto educação? Já mostrou, ao escrever o apontamento da Semana finda, que a não possui. Criticar o que os outros fazem é simples. Mas construir alguma coisa isso já é para o sr. assistente impossível. Impossível e cómodo. Espesinhar e criticar a boa intenção dos outros é seu lema.

O assistente tem medo que as criancinhas se percam com os gestos ou frases dos componentes do teatro?

Por aí não vem mal ao mundo nem à freguesia, pode ter a certeza.

Por aqui ficamos e meta a língua no saco.

(Um componente)

Leia

Propague e assine

«Tribuna Livre»

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Hoje o sr. Carlos Magno da Costa Machado que, embora residente no Canadá, passa este aniverssário na sua terra natal, pois encontra-se entre nós em gozo de férias bem como sua Ex.^{ma} Esposa e filhinhos.

Desejamos-lhe um aniversário muito feliz e que esta data se comemore por por muitos e felizes anos na companhia de seus familiares e amigos.

Na próxima terça-feira, dia 1, festeja também o seu aniversário a sra. D. Itelvina do Carmo Leite de Macedo e o sr. Domingos de Macedo, nosso assinante residente em Angola e natural de Lago.

Carta Aberta

Meu caro Snr.

Elísio Gonçalves

Há já muito tempo e desde que a «gota D'orvalho» que avidamente buscou viera, depois de violenta sacudidela atmosférico-política-caseira na Terra que a viu nascer, parar a este Porto onde vive a carpir o seu destêro, deixára de aparecer senão humilde e recatadamente a receber sob as folhagens que bordam o Cávado, o recalcificante a que uma alma despedaçada tem jus, e, qual filho amaldiçoado, buscar na solidão da noite penetrar nos jardins de seus progenitores para carpir saúdades orvalhando com lágrimas amargas as pétalas das flores.

Assim e nesse dia ou dias que recordo com eterna saudade, o meu espírito que, apesar de tudo conservo cristalino, percorre todos os recantos dessa tão linda como saudosa Terra que conjuga o verbo Amar, escuta as sãs gargalhadas dos que ainda são felizes, extasiase com o marulhar das águas desse eterno Celano sedento do mar, enche os pulmões de cheiro a verde-pino e deixa rolar pelas faces o «o Orvalho» que os lábios dizem salgado e eu direi amargo, de haver cantado, meu único crime, a Terra que me repeliu.

Apenas fugira à regra a que me votei, no passado dia 2 do corrente, onde de novo essa Terra se lembrara de mim, rogando-me ali fôsse, (Semi-

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00

Tribuna Livre deseja a todos os aniversariantes que passem um dia muito feliz e que esta data se prolongue por infindáveis anos.

Da Guiné, onde se encontra a cumprir serviço militar chegou para gozar um mês de férias o sr. António Augusto de Magalhães, filho do sr. Raúl Magalhães, de Vasconcelos.

nário da Torre), dizer duas palavras, pois ali se encontrava S. Ex. cia Rev. ma o Sr. Arcebispo Primaz, e na minha pequenez, acedi ao convite.

umas pequenas férias passo usualmente com Agosto em Soutelo, casa de meus sogros, bem junto onde viveu já sua estremosa Filha e genro sr. Narciso Gonçalves.

Penso brevemente fazer-lhe uma visita. Do destêro, o abraço amigo do sempre

Gota D'orvalho.

Aniversário

No próximo dia 4 de Agosto passa mais uma primavera natalícia o jovem António José da Silva Martins, da Ponte do Porto, filho do nosso assinante e industrial sr. Boaventura Martins.

Desejamos ao «Tone Zé», como geralmente é conhecido por familiares e amigos, as maiores felicidades, que esta data se repita por infindáveis anos, e que a próxima sexta-feira seja um dia de muita alegria junto de seus queridos pais e restante família.

Parabéns

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

O FOMENTO NACIONAL

(Continuado da 1.ª página)

governar os povos, que somos criadores da grande nação multirracial que é o imenso Brasil, também já demos a categoria de estados a algumas províncias ultramarinas, que o são económica e socialmente, integrando, assim, o incola africano português, ao nível europeu, na com unidade internacional, fazendo-o cidadão da comunidade Luso-Brasileira, de projecção universal, perfeitamente de acordo com o espírito da época actual, em que tudo se trata a nível planetário.

Entrando pròpriamente no assunto deste artigo, vejamos como a importante comunicação de S. Ex.ª o Sr. Ministro tem matéria muito coincidente e esclarecedora da que tratamos anteriormente, o que se nos afigura indício certo de que se está a aproveitar, eficazmente, a última oportunidade de voltarmos a ser, não já o povo eleito da «idade de ouro de Quinhentos», mas com uma quase certeza de poder vir a disputar as metas cimeiras da economia europeia.

O Senhor Ministro falamos das possibilidades:

«Dispomos na corrida ao desenvolvimento em que nos lançamos, de alguns trunfos importantes que haveremos de saber jogar a fundo.

Antes de mais, uma posição geográfica que se exprime numa valiosa potencialidade.

Plataforma entre três continentes — rosto da Europa debruçado sobre a fachada atlântica — esta posição de Portugal foi factor decisivo de expansão no período de ouro da nossa gesta de quinhentos; afastou-nos depois, nos tempos modernos, dos caminhos e da influência de uma Europa que passou a conduzir o processo de desenvolvimento económico e cultural; mas a posição volta agora num mundo que se reorganiza à escala planetária, a proporcionar-nos vantagens e facilidades que por certo saberemos aproveitar — e que, aliás estamos a aproveitar já, como o demonstram o lugar cimeiro que rapidamente tomamos e estamos a reforçar no sector industrial da reparação naval e a iniciativa do lançamento do gigantesco empreendimento de Sines.

Mas não dispomos apenas de territórios bem localizados na encruzilhada dos caminhos da Europa, da África e das Américas. Somos, também, um povo disciplinado e que sabe esforçar-se até ao sacrifício quando devidamente mobilizado para as grandes tarefas colectivas. É empolgante tarefa é esta de reconquistarmos — nós que levamos ao mundo, à sombra da nossa bandeira, o facho

da civilização europeia — o lugar que nos é devido no concerto dos povos evoluídos do Ocidente.

Pois vamos, também, saber aproveitar a capacidade de trabalho dos Portugueses empregando toda a nossa argúcia e combatividade para que eles não precisem de ocupar em terra alheia a força dos seus braços e do seu engenho.»

Já tiramos passaporte no carrocel da Europa com o acordo que acaba de ser feito entre a E.F.I.A e o Mercado Comum. Há muito que temos diplomacia ao nível internacional e actividade ministerial intensa no plano interno. Temos possibilidades financeiras para apoiar a actividade económica, como a seguir vamos ver:

«Note-se, porém, que Portugal dispõe ainda — o que é quase anormal, por inesperado, num país com o nosso nível de desenvolvimento económico — de abundancia de capitais próprios e graças à reputação de ordem, de seriedade e de capacidade de que felizmente continuamos a usufruir, de raras facilidades em obter exteriormente os meios financeiros de que porventura possamos carecer e que, felizmente, todos os dias são postos à nossa disposição.

Porque assim é — porque reunimos excelentes condições para ganhar a batalha do desenvolvimento — uma missão do Fundo Monetário Internacional, que recentemente esteve em Portugal, concluía a sua avaliação da situação económica-financeira do País com palavras que vale a pena repetir para esconjurar certas aves agoirentas que gastam todo o seu tempo e energias a anunciar desgraças que felizmente nunca acontecem.

Diziam textualmente os peritos do F. M. I., a fechar o seu relatório sobre Portugal: «Compartilhamos a vossa convicção de que são brilhantes as perspectivas a longo prazo da economia portuguesa.»

Dá-nos ainda o Senhor Ministro uma prova da nossa capacidade criadora, ao declarar:

«A título de meros exemplos da nossa capacidade para conceber e da nossa disposição de agir, referirei que o Governo espera tomar, antes que o mês de julho acabe, a decisão de adjudicar a construção, entre outras da auto-estrada que servindo as principais cidades da Subregião Litoral, as ligará ao Porto e a Lisboa, como era justificada aspiração vossa.

A rega e a defesa dos campos do Mondego, que condicionam o aproveitamento adequado de uma fértil e vasta área agrícola, passível de desenvolvimento integrado, é, desde há tempos e especialmente agora, com a

barragem da Aguieira em construção, um projecto irreversível.

Há poucos dias, em reunião do Concelho de Ministros para os Assuntos Económicos foram adoptados importantes orientações, que não tiveram ainda a merecida expressão exterior mas a terão em breve, respeitantes à regulamentação da Lei de Fomento Industrial e que fundamentalmente têm em vista organizar um amplo e generoso esquema de incentivos fiscais e financeiros de que beneficiarão, especialmente, as actividades industriais localizadas nos centros considerados como polos de desenvolvimento e as actividades instaladas nas áreas de desenvolvimento agrícola integrado.

Também poucos dias vão decorridos sobre a data em que Coimbra recebeu, com justificada alegria, a notícia de que ia ser criada, como, efectivamente foi, por decreto aprovado no Conselho de Ministros de terça-feira, a sua nova Faculdade de Ciências e Tecnologia.»

Aproveitemos a «derradeira oportunidade» de que nos fala o Ministro de que o Distrito de Braga viu nascer e trabalhou com afinco na presidência de Planeamento do Porto. Ouçamos o seu apelo patriótico:

«E. poderemos por certo, se o necessário impulso de solidariedade, servido por meios adequados e utilizados eficazmente, intervir na resolução de problemas que, por serem velhos, não estamos impedidos de finalmente resolver neste derradeiro quartel do século XX — que é também o da derradeira oportunidade.

Vamos, pois, juntos, tentar enfrentar o desafio destes tempos difíceis em que vivemos e ganhar a nossa aposta sobre o futuro — porque é Portugal que está em jogo.»

Bem haja, Senhor Ministro.

Jaime Macedo

Goões em festa

O Chefe do Distrito presidiu ao encerramento do Curso de Formação Familiar Rural

(Continuado da 1.ª página)

sa do Povo e da estrada que conduzirá à Igreja Matriz.

A dirigente do Curso D. Maria da Conceição relatou com judiciosos argumentos tudo quanto se passou durante o mesmo, falando a seguir o pároco da freguesia Padre Manuel Joaquim M. Fernandes, a verdadeira «alma-mater» do curso e da Festa que decorria. Após a saudação às autoridades presentes quedou-se na apreciação dos benefícios que advieram do curso e de quanto ele se integra na necessidade humana e cristã de valorizar a mulher adentro dos contornos da vida familiar.

A oração do sr. presidente da Câmara, um improviso oportuno e feliz, teve por fim saudar em termos de muito apreço e viva admiração o Sr. governador Civil que pela primeira vez visitava o Concelho. Exaltou o sr. Manuel Saraiva e o sr. Padre Monteiro Fernandes como os obreiros incansáveis e incógnitos desta realização e teceu à freguesia de Goões um hino de merecido louvor e apreço pelo seu arreigado e saudável bairrismo.

O sr. dr. Carlos Dias Rebelo disse das diligências para que foi instado, congratulou-se pelo sucesso verificado e referiu quanto lhe mereciam de apreço estes cursos.

A encerrar a sessão falou o Sr. Governador Civil que se referiu ao esforço feito pela gente daquela terra e ao carinho de que se via rodeado.

Depois de uma breve visita à Igreja Matriz, a caravana dirigiu-se à esplanada da Quinta da Pena, sobranceira

ao Rio Cávado, onde foi servido um breve aperitivo.

Em seguida a comitiva dirigiu-se ao Restaurante Milho Rei em que foi servido um jantar à caravana.

Desta forma havia-se acabado a visita ao Concelho do sr. dr. Francisco Dourado, Governador Civil, com aprazível satisfação de todos mórmente do visitante ilustre que pôde identificar-se com este povo ordeiro e bom, cativante e dedicado para o qual só existe como lema bem servir os ideais e os processos herdados dos seus maiores, e que são, sem excepção, os dos superiores interesses da Grei e da Pátria.

5.ª COLUNA

(Continuado da 1.ª página)

Economia, não me recordo em que exposição agrícola. Por informar conversa, entre ele e vários colegas com a ilustre entidade, puderam aquilatar do conhecimento que o Ministro tinha das várias frustrações da Lavoura, rasgando-se o ambiente com a unívoca compreensão governamental, aliás secundada por esta mesma compreensão da Agricultura e, mais, fundamentada na preservação da Lavoura e na sua excelente qualidade de sacrifício.

Nesta base aberta a todas as questões que os circunstâncias iam esclarecendo, o Ministro previa o futuro cheio de esperança na grande expansão e rentabilidade da Agrícola portuguesa.

Naturalmente que logo, à queima-roupa, todos agradeceram à confiança de S. Ex.ª no espírito compreensivo e na capacidade de sacrifício da Lavoura, mas, após os cumprimentos de despedida desta conversa informal entre o Responsável e meia dúzia de lavradores, um deles — seja o colega referido — tomando a mão do Ministro encerrou o colóquio, dizendo:

— Mas que diremos nós a V. Ex.ª das nossas esperanças?

Como lhe disse, Lector, não é anedocta. E até à semana.

EME ABRIL

Telefone dos Bombeiros V. de Amares
62162

EM BRAGA

PREFIRA

RESTAURANTE AVENIDA

DE

Eugénia Ferreira de Oliveira Machado

Manuel Gomes Machado

Almoços, Jantares, Serviço de Casamento

e à Lista

avenida Central, 131—Telefone 24357—Braga